

## RESENHA

LAIBIDA, Luiz Demétrio Janz. **Raposas e Outsiders no futebol paranaense:** um estudo sobre relações de poder e genealogia. Curitiba: Instituto Memória, 2019.

Sylvana Kelly Marques da Silva<sup>1</sup>

Luiz Demétrio Janz Laibida, doutor em sociologia, é um acadêmico centrado na sociologia política, ofício que não o impediu de ser um amante e frequentador assíduo dos espaços do futebol. E foi a mediação dessas duas paixões, a sociologia e o futebol, que tornou possível ao autor a abertura de um espaço de investigação na sociologia sem os enfadonhos sociologismos. Distante dos “ismos” que tantas vezes empobrecem as pesquisas nas Ciências Humanas que se processou seu esforço acadêmico, dando origem ao livro que agora temos em mãos: “**Raposas e Outsiders no futebol paranaense:** um estudo sobre relações de poder e genealogia”, publicado em 2019, pelo Instituto Memória. Se trata de uma pesquisa sensível e crítica, resultado da sua tese de doutorado defendida em 2016, reúne tanto o olhar aos esforços teóricos dos clássicos e contemporâneos das Ciências Sociais, quanto práticas inovadoras de análise, como as que se referem aos métodos genealógicos de relações de poder na esfera desportiva, a fim de interpretar a consolidação do futebol paranaense.

Laibida é professor de sociologia, atualmente vinculado ao curso de pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná – UFPR. É autor de vários artigos, entre outras produções acadêmicas que investigam as restritas redes de relações de poder no campo político, o que em grande medida, marca a dinâmica histórica e cultural da sociedade brasileira. Seus trabalhos são desenvolvidos com o apoio do Núcleo de Estudos Paranaenses – NEP, que tem como fio condutor a análise das relações de poder exercidas pelas classes dominantes no estado do Paraná. Esse é um ambiente vinculado a UFPR, onde atua há duas décadas, coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Costa de Oliveira, um dos seus grandes incentivadores. Na esteira dos estudos do NEP, observa a tendência dos específicos grupos familiares perpetuarem seus poderes no âmbito político e social. E, motivado pela ciência e a paixão, pergunta-se: “como sociologicamente a classe dominante paranaense se empodera do campo futebolístico?” Diante

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, com período sanduíche na Universidade de Washington – UW. Professora Adjunta do Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

dessa questão, o autor começa a traçar uma “viagem longa, detalhada, rica em informações e, pela sua profundidade, absolutamente arrebatadora em torno de tudo que aconteceu no centenário futebol paranaense”, como pontua, no prefácio do livro, o jornalista, radialista e membro da Academia Paranaense de Letras: Antonio Carlos **Carneiro Neto**, renomado cronista esportivo do estado do Paraná.

Aproveitando a metáfora de Carneiro Neto, antes de iniciarmos a viagem pelo **Raposas e Outsiders no futebol paranaense**, é importante ressaltar que um dos gols dessa obra é preencher a pouca atenção dada ao futebol pelos cientistas sociais, visto que é uma das manifestações centrais da cultura mundial, com forte apelo na sociedade brasileira. E, logo no **primeiro capítulo**: “*Enquadramento teórico e revisão bibliográfica*” é apontado o futebol como um objeto expressivo de análise sociológica. Para além do espírito lúdico, de ser um divertimento, evento, lazer, uma prática, algumas vezes apontada como alienada ou fugaz ao cotidiano, o jogo de futebol constitui um tempo e espaço estruturado e produtivo, ordenador, em muitos casos, de processos e práticas sociais. Estende seu campo ao universo econômico, político, histórico, espacial e cultural, sendo nuclear a investigação das relações que o estrutura e o organiza nos distintos contextos sociais. Eis a grande contribuição, mostrar as facetas do jogo de futebol, intimamente amarrado a vida social e a história moderna em um campo de emulação, adaptação, rivalidade, competição e concorrência. No Brasil, então, país considerado a nação do futebol, o jogo é uma paixão, coloca indivíduos entre a vida e a morte, demarca estilos, desloca massas, aglomera multidões, elege parlamentares, entre outras astúcias, em suma, nenhum outro esporte capta tamanha popularidade. Nas palavras do autor:

Lembro aos entusiastas do futebol que as quatro linhas brancas num gramado verde e um grupo de atletas com meiões e chuteiras refletem apenas parte do que é o futebol, talvez a parte mais interessante, aquela que gera paixões e entusiasmo, que enfeitiça e se torna religião. Entretanto, as quatro paredes com chão de tacos e os “cartolas” de meia fina e sapato de pelica fazem do futebol um fenômeno social extraordinário de análise sociológica, que os bons livros clubísticos ainda não retratam.

**Raposas e Outsiders no futebol paranaense** é um estudo sobre relações de poder, um empreendimento genealógico em que o autor não persegue a mesmice como verdade, com o objetivo de encontrar raízes ou origens, como se existisse um núcleo gerador de todas as coisas, porém, dá a ver as condições e as singularidades que possibilitaram a configuração das relações entre a estrutura vigente e o poder político local por intermédio da identificação das similaridades e especificidades do campo dos dirigentes do futebol em relação aos seus capitais

sociais. Nesse norte, o sociólogo constrói o **segundo capítulo** da sua obra: “*As Raposas e os Outsiders do nosso futebol: dimensões sociológicas, históricas e socioculturais*”, em que comprehende que mesmo no futebol, existe um modelo de representação em que o jogo e a disputa pela hierarquia no campo é a base de um edifício cultural com manobras centrais na elaboração social. Ou seja, identifica por meio de um empreendimento social e histórico que, assim como outras Instituições Paranaenses, o universo futebolístico estabelece-se por intermédio de regularidades em que o poder exercido, também, é reproduzido e perpetuado por grupos familiares detentores de capitais econômicos, políticos e sociais, com os quais se forma a “elite dominante desse Estado”. Entretanto, as regularidades não são universais, nem fechadas em si mesmas diante do tempo, uma vez que pós década de 1970, há a emergência de uma nova configuração estabelecida através da profissionalização do futebol, determinada pelo grande capital, que possibilitou condições de entrada de um dado grupo social. O que o autor em grande medida parece querer deixar claro para nós leitores é que sobre o homogêneo pulula a heterogeneidade das relações, sobre um olhar mais atento do pesquisador o campo verde que parece uniforme, revela-se povoado de possibilidades diante das articulações locais/globais.

Laibida no processo da análise genealógica dos clubes do futebol paranaense vai buscar o corte, o deslocamento, a ruptura da regularidade temporal. Isso ocorre justamente no período em que o país abre-se ao grande capital, motivado pelos processos globais que se tornam cada vez mais presente em distintas esferas da sociedade, ocasionando mudanças estruturais no campo desportivo, com a instauração da lógica empresarial marcando as relações no futebol a partir de dois modos distintos de gerencia. Esse acontecimento rompe com a temporalidade anterior, construindo na pesquisa um divisor temporal marcado por duas facetas que o autor constrói a partir de dois modelos distintos de gestão. Em suma, uma série de relações, práticas e transformações sociais possibilitam a gestação de duas figuras nucleares identificadas em sua pesquisa como as Raposas e os Outsiders.

Os primeiros são os membros das famílias tradicionais, aparecem a partir da circulação e domínio dos espaços privilegiados do cenário social, preocupavam-se em reproduzir valores referentes a ordem dita “civilizada” que irradia no cenário nacional no início do século XX, trazendo em seu bojo novas formas de associação em torno de interesses comuns que inseriam o gosto pelos esportes por meio de regras e práticas em espaços fechados, como os clubes, sendo uma das principais motivações desses clubes as associações, um modo de delimitar e reforçar as diferenças sociais por meio da sociabilidade e da recreação que possibilitam a

manutenção das redes sociais. Essas Raposas, em posições dominantes e astuciosas, são dirigentes que *a priori* foram os precursores das novas práticas, regras, costumes, indumentárias e objetos novos que circunscreveram o futebol no cenário nacional, tendo os políticos e militares como grandes referencias de poder, mantêm-se em posições estratégicas até a década de 1970, momento em que o país acena para a abertura de novas dinâmicas políticas e econômicas.

A segunda figura dos Outsiders, a outra faceta que surge para identificar os dirigentes do futebol, possível em função de um conjunto de circunstâncias intimamente ligadas ao contexto político-econômico de aceleração das relações globais, provém a partir do tricampeonato de 1970, momento em que o esporte passa a ser visto como um negócio ligado a números punjantes. São indivíduos que escapam ao estabelecimento genealógico local, por isso forasteiros, muitos provenientes de outros estados, com reduzido poder de barganha político e social, quando comparado aos Raposas, entretanto, detentores de capitais intelectual e econômico, o que os permite por meio da racionalidade romper com as bases da gestão familiar atreladas as paixões e interesses próximos e transformar os clubes de futebol em negócios altamente especializados e lucrativos.

Para melhor delinear esse processo, no **terceiro capítulo** do seu livro: “*Os donos da bola: federação paranaense de futebol, os clubes de futebol profissional da capital e os clubes pioneiros no futebol paranaense*”, Luiz Laibida vai em busca dos elementos históricos, políticos e econômicos sublunares para a classe dominante paranaense consolidar o campo futebolístico e, nesse ínterim, reflete sobre os costumes, as famílias, a política, o poder e o espaço social – suas permanências e inserções. Cobrindo um recorte temporal que vai de cerca de 1909, a cerca de 2016, a pesquisa contempla uma série de fontes tais como livros historiográficos, debates sobre o futebol nas ciências sociais, passando por escritos jornalísticos e memoriais – o que inclui autores como Gilberto Freyre, Eduardo Galeano, Arlei Sander Damo, Marcelo Proni, em âmbito local, Carneiro Neto, Francisco Genaro Cardozo, Roberto Barrozo, Waldenyr Caldas, entre outros nomes. Mapeia minuciosamente as elites ligadas ao futebol paranaense, divididas em quatro clubes: Atlético, Coritiba, Paraná e JMalucelli e na Federação Paranaense de Futebol, construindo uma investigação genealógica dos dirigentes, em análise comparativa com outras ambiências de exercício do poder a partir dos seus capitais sociais.

Por fim, nesta pesquisa de muito folego, o quarto capítulo: “*Futebol e globalização: revisitando as raposas e outsiders*” debruça-se nas questões pertinentes ao futebol contemporâneo e as influências globais. Nesses termos constrói-se a lógica empresarial no futebol paranaense, emerge dentro do próprio confronto e da dispersão das forças dominantes que estavam em luta. Tal reflexão implica em afirmar que os novos sujeitos sociais construíram seus espaços na dependência da existência dos espaços anteriores, contudo, se apoderaram das regras e tomaram os lugares daqueles que as utilizavam. O lugar dominado em grande parte pelas famílias que se perpetuam nas esferas de poder político e econômico ao longo de gerações na esfera do futebol, foi pervertido, se modificou com o tempo, saiu do “amadorismo” à profissionalização. Dessa forma o autor esquadriinha a genealogia dessas figuras possíveis por meio de práticas e relações sociais que as engendraram e foram responsáveis por uma gama de construções que significaram o futebol, tornando-o inteligível diante de suas temporalidades, com ênfase final da prática do campo futebolístico em âmbito global.

Laibida, aponta que na esfera macro, em relação ao tempo, persiste a presença da ingerência política, jurídica e econômica dos clubes, traços das relações tradicionais que mantém o provincianismo nas novas formatações da gestão no futebol. Apesar da descoberta não surpreender muito o estudioso, ele sublinha a relação causal entre as igualdades sociais e detenção de capital econômico o que sugere as relações dos dirigentes com os centros do poder político nacional e o futebol restrito uma elite socioeconômica, o que explicaria a persistência dos esquemas de corrupção, como um reflexo da história política e cultural do Estado. Dessa forma o livro encerra destacando que o futebol de início se configurou em mais uma instituição de pertencimento das elites locais, usada como trampolim para galgar outros espaços de interesse maior, todavia, o processo global propiciou intensas modificações na parte estrutural dos clubes que funciona como qual grande corporação abrindo novas possibilidades e inserções.

Por fim, o autor fez um trabalho relevante, trazendo luz ao conhecimento político e genealógico do Estado do Paraná através do esporte mais popular do Brasil, o futebol. Mostrou como as relações de poder envolvem também o futebol, fazendo desse muitas vezes um trampolim político e econômico. Analisou também a perspectivas do futebol global e mercantil.

*Recebido em:* 30 mar. 2020.

*Aceito em:* 10 maio 2020.